

# Migrantes disputam espaço sob os viadutos

ENIO ARDOHAIN

Eles são muitos. Somam-se em dezenas, talvez centenas, de aventureiros errantes para quem o sonho de prosperidade na capital federal transformou-se em pesadelo. A matemática de seus dias não comporta variáveis. Sustenta na esperança remota da melhora de vida que serve tão somente para renovar as forças e evitar o desânimo inimigo sempre a postos, pronto para atacar em momentos de fraqueza. Na guerra diária pela sobrevivência, a palavra de ordem é solidariedade, preceito sem o qual esses retirantes desprovidos de tudo não poderiam dividir o mesmo endereço: as pontes e viadutos do Distrito Federal.

Eles têm muito em comum, a começar pelo passado. Pessoas humildes, a maioria camponeses nordestinos, chegam todos os dias a Brasília procurando trabalho — artigo escasso no sertão. Impelidos pelas condições agrestes de seus Estados de origem, repetem, agora rumo ao Planalto Central, o fluxo migratório anteriormente voltado para o Sul do País. Como exceção à regra, e em número quase suficiente para se transformar em nova regra, alguns se utilizaram das últimas economias para buscar tratamento médico na capital e, impedidos de voltar ou de ficar decentemente, passam até 60 dias vivendo de sobras e doações, dormindo sob os viadutos.

Um exemplo desta segunda categoria de morador dos viadutos é João Vicente de Araújo. Com 63 anos de idade, Araújo tem catarata

e precisa de uma raspagem no globo ocular. Aconselhado por amigos, ele deixou Aruanã (GO) há 10 dias e, pela primeira vez em sua vida, desceu em Brasília. Pai de uma única filha, é sócio em uma pequena olaria na cidade onde mora. “Eu não pensei que fosse demorar tanto para conseguir ser atendido. Meu dinheiro acabou e não posso voltar para Aruanã sem fazer a operação”, explicou, enquanto organizava no chão os pedaços de papelão que lhe serviriam de cama, tendo o viaduto da Rodoviária como teto.

**Condomínio** — Araújo só não reclama de solidão. Com ele dormem, em média, 10 pessoas todas as noites. Alguns há mais tempo, outros menos, todos se acostumaram a conviver com a rua. “A gente dorme um pouco, depois acorda com o barulho dos carros, depois dorme de novo”, atesta Jorivan Araújo de Andrade, outro morador do mesmo viaduto. Aos 20 anos de idade, Andrade tem mulher e dois filhos. A família ficou em Coremas, na Paraíba, de onde ele veio à procura de trabalho. “Logo que eu cheguei, há dois meses, roubaram minha mala. Levaram os meus documentos — eu fiquei só com a identidade, duas calças e uma camisa”, conta.

Andrade não chora a sua sorte. Subempregado (vende balas na Rodoviária), consegue faturar Cr\$ 15 mil por dia. “Dá para comer e tomar cachaca”, conforma-se, para em seguida dizer que espera conseguir tirar novos documentos para “arrumar um bom emprego e mandar vir a família”.

Márcio Batista



Cada ponte, cada viaduto da cidade, é hoje um condomínio em potencial para as famílias de migrantes